

MONTEIRO
LOBATO
INGLÊS
DE SOUZA
SIMÕES
LOPES NETO
COELHO
NETO
AFONSO
ARINOS
VISCONDE
DE TAUNAY
VALDOMIRO
SILVEIRA

REGIONALISMO 7 MELHORES CONTOS

TACET BOOKS

7 MELHORES CONTOS

Regionalismo

EDITADO POR

August Nemo

Introdução

O Regionalismo é uma corrente literária que começa ligada ao Romantismo, em meados do século 19, em obras como "O Gaúcho", "O Tronco do Ipê", "Til" e "O Sertanejo" de José de Alencar. Chama-se de regionalista é a literatura que tem seu foco em uma determinada região do país. Há ficção regionalista que foca na região Sul, no interior do Sudeste, no sertão do Nordeste, etc.

No início, a ficção regionalista trazia o caboclo e o sertanejo como verdadeiros brasileiros, o "bom selvagem", em oposição ao corrompido homem urbano. Com a transição para o Realismo, a literatura regionalista deixa de lado a idealização e o exotismo, e passa retratar de maneira mais documental e investigativa o modo de vida, a cultura e a oralidade (como em Valdomiro Silveira e Simões de Lopes Neto) das diversas regiões brasileiras.

Na geração do Romance de 30, o regionalismo ganha um viés reflexivo sobre a relação do homem com o meio e sobre as questões sociais. Nesse período destacam-se autores como Jorge Amado, Erico Verissimo, José Lins do Rego e Graciliano Ramos.

Nos estudos literários atuais se debate se é possível falar em continuidade do Regionalismo enquanto movimento literário ativo. De qualquer modo, podemos encontrar sua influência em obras como as de Milton Hatoum, Luiz Antonio de Assis Brasil, Antônio Torres e Itamar Vieira Junior.

O mata-pau

Monteiro Lobato

Píncaros arriba e Perambeiras abaixo, a serra do Palmital escurece de mata virgem, sombria e úmida, tramada de taquaruçus, afestoada de taquaris, com grandes árvores velhas de cujos galhos pendem cipós e escorrem barbas-de-pau e musgos.

Quem sobe da várzea, depois de transpostas as capoeiras da raiz, ao emboscar-se de chofre no frio túnel vegetal que é ali a estrada inevitavelmente espirra. E se é homem das cidades, pouco afeito aos aspectos bravios do sertão, depois do espirro abre a boca, pasmado da paulama. Extasia-se ante a graciosa copa dos samambaiuçus, ante as borboletas azuis, ante as orquídeas, os líquens, tudo.

Sofria o animal sem o sentir mas não para. Vai parar adiante, na Volta Fria, onde um broto d'água gelada, a fluir entremeio às pedras, o tenta a sorver um gole aparado em folha de caeté. Bebida a água, e dito que nas cidades não há daquilo, leva-lhe a vista o soberbo mata-pau que domina o grotão.

— Que raio de árvore é esta? — pergunta ele ao capataz, pasmado mais uma vez.

E tem razão de parar, admirar e perguntar, porque é duvidoso existir naquelas sertanias exemplar mais truculento da árvore assassina.

Eu, de mim, confesso, fiz as três coisas. O camarada respondeu à terceira:

— Não vê que é um mata-pau?

— E que vem a ser o mata-pau?

— Não vê que é uma árvore que mata outra? Começa, quer ver como? — disse ele escabichando as frondes com o

olhar agudo em procura dum exemplar típico. — Está ali um!

— Onde? — perguntei, tonto.

— Aquele fiapinho de planta, ali no gancho daquele cedro — continuou o

cicerone, apontando com dedo e beijo uma parasita mesquinha grudada na forquilha de um galho, com dois filamentos escorridos para o solo. — Começa assinzinho, meia dúzia de folhas piquiras; bota pra baixo esse fio de barbante na tenção de pegar a terra. E vai indo, sempre naquilo, nem pra mais nem pra menos, até que o fio alcança o chão. E vai então o fio vira raiz e pega a beber a sustância da terra. A parasita cria fôlego e cresce que nem imbaúba. O barbantino engrossa todo dia, passa a cordel, passa a corda, passa a pau de caibro e acaba virando tronco de árvore e matando a mãe — como este guampudo aqui — concluiu, dando com o cabo do relho no meu mata-pau.

— Com efeito! — exclamei admirado. — E a árvore deixa?

— Que é que há de fazer? Não desconfia de nada, a boba. Quando vê no seu galho uma isca de quatro folhinhas, imagina que é parasita e não se precata. O fio, pensa que é cipó. Só quando o malvado ganha alento e garra de engrossar, é que a árvore sente a dor dos apertos na casca. Mas é tarde. O poderoso daí por diante é o mata-pau. A árvore morre e deixa dentro dele a lenha podre.

Era aquilo mesmo! O lenho gordo e viçoso da planta facinorosa envolvia um tronco morto, a desfazer-se em carcoma. Viam-se por ele arriba, intervalados, os terríveis cíngulos estranguladores; inúteis agora, desempenhada já a missão constritora, jaziam frouxos e atrofiados.

Imaginação envenenada pela literatura, pensei logo nas serpentes de Laocoonte, na víbora aquecida no seio do homem da fábula, nas filhas do rei Lear, em todas as figuras clássicas da ingratidão. Pensei e calei, tanto o meu companheiro era criatura simples, pura dos vícios mentais que os livros inoculam. Encavalgamos de novo e partimos.

Não longe dali a serra complana-se em rechã e a mata míngua em capoeira rala, no meio da qual, em terreiro descoivarado, entremostra-se uma tapera. Esverdece o melão-de-são-caetano por sobre o derruído tapume do quintalejo, onde laranjeiras com erva-de-passarinho e uma ou outra planta doméstica marasmam agoniadas pelo mato sufocante.

— Antigo sítio de Elesbão do Queixo d’Anta — explicou o camarada.

— Largado? — perguntei.

— Há que anos! Desde que mataram o homem ficou assim.

Bacorejou-me história como as quero.

— Mataram-no? Conte lá isso como foi.

O camarada contou a história que para aqui traslado com a possível fidelidade. O melhor dela evaporou-se, a frescura, o correntio, a ingenuidade de um caso narrado por quem nunca aprendeu a colocação dos pronomes e por isso mesmo narra melhor que quantos por aí sorvem literaturas inteiras, e gramáticas, na ânsia de adquirir o estilo. Grandes folhetinistas andam por este mundo de Deus perdidos na gente do campo, ingramaticalíssima, porém pitoresca no dizer como ninguém.

Elesbão morava com o pai no Queixo d’Anta, onde nascera. Quando a puberdade lhe engrossou a voz, disse ao velho:

— Meu pai, quero casar.

O pai olhou para o filho pensativamente; em seguida falou:

— Passarinho cria pena é para voar. Se você já é homem, case. O rapaz pediu-lhe que pusesse em prova a sua virilidade.

O pai refletiu e disse:

— Derrube o jataí da grotinha, sem tomar fôlego.

Elesbão afiou o machado, arregaçou as mangas e feriu o pau. Em toada de compasso, bateu firme a manhã inteira. À

hora do almoço, o pan pan continuava sem esmorecimento. Só quando o sol aprumou no pino é que a madeira gemeu o primeiro estalido.

— Está no chão — disse o pai, que se acercara do filho exausto mas vitorioso. — Pode casar. É homem.

Elesbão trazia de olho uma menina das redondezas, filha do balaieiro João Poca, Rosinha, bilro sapiroquento de treze anos, feiosa como um rastolho.

— Meu pai, eu quero Rosinha Poca.

— Case. Mas ouça o que digo. Os Pocas não são boa gente. Os machos ainda servem — João é um coitado, Pedro não é má bisca; mas as saias nunca valeram nada. A mãe de Rosa é falada. Laranjeira azeda não dá laranja-lima. Você pense.

— Meu pai, o futuro é de Deus. Eu quero casar com Rosinha.

— Pois case.

Deliberado com tal firmeza, Elesbão tratou de sitiar-se. Arrendou a rechã da tapera, roçou, derrubou, queimou, plantou, armou a choça. Barreadas que foram as paredes, pediu a menina e casou-se.

Rosa só o era no nome. No corpo, simples botão inverniço, desses que melam aos frios extemporâneos de maio. Olhos cozidos e nariz arrebitado, tal qual a mãe. Feia, mas da feiura que o tempo às vezes conserta. Talvez se fiasse nisso o noivo.

Elesbão, rijo no trabalho, prosperou. Aos três anos de labuta era já sitiante de monjolo, escaroçador e cevadeira, com dois agregados no eito.

Prole, até esse tempo nenhuma; e isso entristecia a casa. Mas resignavam - se já ao vazio da esterilidade quando certa noite soou choro de criança no terreiro.

Não se conta o terror de ambos — que aquilo era na certa alma penada de criança morta pagã. Como, entretanto, a pobre alma berrasse com pulmões muito da terra, e cada vez mais, Elesbão duvidou do bruxedo e,

acendendo uma braçada de palha, lançou-a fora pela janela. O terreiro clareou até longe e eles viram, a pouca distância, uma criaturinha de gatas a berrar com desespero de quem é absolutamente deste mundo.

— E não é que é uma criança de verdade? — exclamou ele, saído de um assombro e entrado noutra. — E agora?

— Pois é recolhê-la — disse Rosa, cujo instinto de mulher só via no caso um pobre enjeitadinho ao léu, a reclamar conchego.

Recolheu-o Elesbão, depondo o chorincas no colo da esposa. Rosa o estreitou ao seio, acalmando-o, ao mesmo tempo que “assentava” o marido.

— Se não aparecer a mãe, cria-se o aparecido. Faz tanta falta um chorinho por aqui...

No dia seguinte bateram as vizinhanças em indagações, sem nada colherem explicativo do estranho caso. Resolveram, pois, adotar o pequeno.

O pai de Elesbão, consultado, ponderou:

— Não presta criar filho alheio.

Mas como o consulente armasse cara de vacilação, remendou logo a sua filosofia:

— Também não é caridade enjeitar um enjeitado — e ficou-se nisso.

Rosa conservou o pequeno e deu com ele criado à força de leite de cabra e caldinhos.

À medida, porém, que medrava, o menino punha a nu a má índole congenial. Não prometia boa coisa, não.

— Eu avisei — recordou o velho, como Elesbão se queixasse um dia da ruim casta do recolhido.

— Meu pai disse também que não era caridade enjeitar um enjeitado...

— É verdade, é verdade... — confirmou o filósofo de pé no chão, e calou-se.

Manoel Aparecido era o nome do rapazinho. Como tivesse olhos gateados e cabelos louros de milho,

denunciadores de origem estrangeira, puseram-lhe os vizinhos a alcunha de Ruço.

Ganhou fama de madraço, e o era perfeito, inimigo de enxada e foice, só atento a negociatas, barganhas, espertezas. Amado por Rosa como filho, livrava-o ela da sanha do esposo escondendo suas malandragens, porque Elesbão vivia ameaçando endireitá-lo a rabo de tatu.

Não endireitou coisa nenhuma. Com dezoito anos era Ruço a peste do bairro, atarantador dos pacíficos e traiçoeiro para com os escoradores.

— É ruim inteirado! — dizia o povo.

Por esse tempo navegava Rosa na casa dos trinta anos. Como a não estragaram filhos, nem se estragou ela em grosseiros trabalhos de roça, valia muito mais do que em menina. O tempo curou-lhe a sapiroca, e deu-lhe carnes a boa vida. De tal forma consertou que todo mundo gabava o arranjo.

— Ninguém perca a esperança. Olhem a mulher de Elesbão, aquela Poquinha sapiroquenta, como está chibante!...

A sua boniteza residia na saúde dos olhos e na gordura. Na roça, gordura é sinônimo de beleza — gordura e “olhos azuis que nem uma conta”...

Além disso Rosinha cuidava de si. Virou faceira. Sempre limpa, vestida de boas chitas da sua cor, cabelos bem alisados para trás, torcidos em pericote lustroso à força de pomada de lima, não havia na serra pimpona assim nem moça de fazenda com pai coronel.

Suas relações com Ruço, maternais até ali, principiaram a mudar de rumo, como quer que espigasse em homem o menino. Por fim degeneraram em namoro — medroso no começo, descarado ao cabo. A má casta das Pocas, desmentida no decurso da primavera, reafirmava-se em plena sazão calmosa. O verão das Pocas! Que forno...

Tudo transpira. Transpirou nas redondezas a feia maromba daqueles amores. Boas línguas, e más,